

Cuidar da Terra e uns dos outros: um dever ético

D. Januário Torgal Mendes Ferreira

1. Mais do que reflectir sobre o que o ser humano pode criar no âmbito do desenvolvimento, é prioritário perguntarmo-nos sobre o que a natureza é capaz de suportar a nosso respeito. A nossa relação com o mundo natural, do qual somos parte, é espelho do que temos sido: do terror e mistério, do mito e da sacralização (das energias ocultas) transitamos para a conquista, a predação, o apocalipse...

Longe da familiaridade com a “Madre Terra”, a distância do poder exibiu as insígnias da força, da domesticação e da concorrência.

A frase do conhecido autor alemão Hans Jonas, que tantas vezes dissertou sobre este tema (evoquemos, por exemplo, a sua “Ética da natureza”), dá que pensar:

“Cabe à Humanidade proteger o oceano das nossas investidas de mortais e humanos, de preferência à Humanidade defender-se dos cataclismos do mesmo oceano”.

2. A ética, em lugar de constituir um conhecimento opressor através de normas asfixiantes, como código de asilos ou de casas de correcção de triste história, é, por um lado, uma ciência de estilo, abrindo-nos os olhos para os critérios da realidade natural e humana, ao sublinhar que a verdade do real urge ser conhecida nas suas características, ao mesmo tempo que os protocolos de relacionamento solicitam um passaporte e uma identidade. O bem da natureza humana e natural decorre da sua realidade, disponível a ser descoberta e aperfeiçoada, sempre com a salvaguarda de nunca a ciência e colaterais tentações de interesses e proveitos desviarem o mesmo real para a auto-complacência e para a descaracterização. Há uma “ética do real” no sentido da descoberta e da respeitabilidade pelas leis que a ela presidem. Há uma “ética do conhecimento”, no sentido em que o conhecido biólogo e epistemólogo Jacques Monod o evidencia, a saber: que cada objecto de conhecimento deve ser trabalhado com o método próprio (um método bom ou um método de bem), o que traduz exigências e valores de actuação ética.

Conforme Albert Schweitzer em “Cultura e Ética”: Ética é a responsabilidade, ampliada ao infinito em relação a tudo quanto possui a vida. Bom é conservar a vida e favorecê-la; mau é destruir e impedir a vida”

Mas o procedimento ético não é só observar ou submeter-se a orientações de “estrada”, na linha de uma ética de convicção; é, também, sobretudo e cada vez mais, proceder ou testemunhar comportamentos cívico/morais que não contaminem de infelicidade (ou mal) as gerações futuras ou agir de tal forma que as consequências do agir constituam fontes de progresso, qualidade de vida, alegria, justiça e paz para os vindouros... Passamos da ética do próximo à ética do longínquo no sentido da responsabilidade significar que alguma coisa nos foi confiada. Daí a antropomorfização do mundo da natureza quando se afirma que, diante de não poucas barbaridades, “a natureza se vinga”. Ou, então, se o mundo da criança não for acolhido com ternura e feito progredir de harmonia com sãs orientações, a criança aniquila-se...

3. Em 1 de Setembro de 2007, em Loretto, Bento XVI pediu aos jovens: “Sede vigilantes. Salvai o planeta” e Jonh Carr, secretário do departamento de Desenvolvimento Social e Paz Mundial, da Conferência Episcopal dos Estados Unidos, declarou: “a gente pobre do nosso país, e dos países pobres, como poderão evitar as consequências negativas da mudança climática? São os pobres que pagam a negligência e o atraso, suportando as consequências de acções injustificadas. Não digam que este é um problema da moda... A preocupação por este problema começou no Génesis”.

Cuidar do mundo - da terra, da água, da luz, do verde e da montanha, da planície, é uma responsabilidade cristã pelo progresso integral, na perspectiva da qualidade de vida, da instância da partilha, longe da manipulação e dos lucros, que sujam, estragam, corrompem e destroem o planeta. Porque cuidar do mundo criado e qualificá-lo no sentido da perfeição, da beleza e da solidariedade de uma terra para todos os seres, para além de salvar e curar de feridas o universo, exprime a realidade mais próxima do ser humano. Este ocupa-se das coisas e dos seres, e por elas e por eles se preocupa, e a sua inteligência e descoberta da fundura do ser é a defesa e o respeito por todas as outras, não pela via da competição mas da sensibilidade racional e da racionalidade emocional ao fazer-se um com todos e cada um. A casa dos outros é a nossa casa no sentido da comunidade solidária. Assim Mathew Fox na “Espiritualidade da Criação”: “Como sabiam os místicos, e como acabou de descobrir a Ciência moderna, a compaixão significa a interdependência de todas as coisas”.

E ainda “A luta pelo direito das baleias e do solo, das florestas e do ar, como de qualquer criatura de Deus, está também ligado ao bem de toda a criação” (Cf. L. Boff - W. Müller, Princípio de Compaixão e Cuidado, trad., Petrópolis, Ed. Vozes, 2001, p. 83)

Calcula-se que, neste momento, haja uns 20 milhões de refugiados por motivo de problemas ambientais (mais do que pela guerra ou motivos políticos); a desertificação ameaça a subsistência de milhões de pessoas, sobretudo na África subsariana; em 2015 mais de 650 milhões de pessoas não terão acesso a água potável; o dióxido de carbono é a principal causa dos efeitos de estufa e procede da utilização de combustíveis fósseis; 60 % do gás emitido para a atmosfera prende-se com a geração de energia, e o restante, dos veículos de transporte, do aquecimento, da indústria, etc. Urge, pois, buscar um novo modelo energético. O modelo de crescimento económico em nome do desenvolvimento implica a lucidez e a coragem em adoptar um outro que tenha em conta tais nocivas consequências.

O uso injusto dos bens da terra por parte de uma pequena parte da Humanidade obsta, na linha da dignidade, a que as pessoas e os povos sejam protagonistas do seu próprio desenvolvimento; a competitividade, mal entendida, o egoísmo e a acumulação da riqueza, devem ser recusadas e substituídas por um verdadeiro modelo económico, inspirado e inspirador de uma distribuição justa e solidária de seus valores, e certo da transmissão desses bens às gerações futuras.

4. O respeito pelo estatuto da natureza e dos seus recursos dignificará o ser humano enquanto “pastor do ser” e reconciliador do universo pois um utilizador do mundo em favor de meros e crescentes proveitos pessoais origina superpotências de domínio, da desvirtuação da natureza com a intoxicação química e radioactiva, com o desconforto de, sob o uniforme do progresso, se esconder o desvirtuamento da integridade, beleza e justiça, ao “travestir-se” de senhorio e de falso sucesso...

5. A Paz não se constitui a qualquer preço. É muito mais fácil fazer a guerra.

Lisboa, 21 de Setembro de 2007

Januário Torgal Mendes Ferreira